



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

THAINÁ DE PAIVA ROCHA

**DIFERENÇAS CULTURAIS NO BRINCAR DE CRIANÇAS  
AO REDOR DO MUNDO SOB A ÓTICA DA TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Brasília - DF

2018

THAINÁ DE PAIVA ROCHA

**DIFERENÇAS CULTURAIS NO BRINCAR DE CRIANÇAS  
AO REDOR DO MUNDO SOB A ÓTICA DA TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília – Faculdade de  
Ceilândia como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Terapia Ocupacional

Professor Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Barcelos  
Pontes

Brasília – DF

2018

THAINÁ DE PAIVA ROCHA

**DIFERENÇAS CULTURAIS NO BRINCAR DE CRIANÇAS  
AO REDOR DO MUNDO SOB A ÓTICA DA TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília - Faculdade de  
Ceilândia como requisito parcial para obtenção  
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Barcelos Pontes

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Letícia Meda Vendrusculo-Fangel

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília, 28 de Junho de 2018

## RESUMO

ROCHA, Thainá de Paiva. **Diferenças culturais no brincar de crianças ao redor do mundo sob a ótica da terapia ocupacional**. 2018. 41f. Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Graduação em Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2018.

**Introdução:** Todo potencial que o bebê herda desenvolve-se ao longo da sua vida, sobretudo a partir de experiências de interação com o ambiente, sendo o brincar uma das principais fontes de interação, atividade realizada com fim em si mesma. O brincar é um dos focos da terapia ocupacional e o contexto cultural exerce forte influência sobre este. Para que o terapeuta ocupacional possa utilizar o brincar em sua atuação ele deve estar ciente de que a cultura influenciará em diferentes formas de brincar. **Objetivo:** Este estudo tem por objetivo analisar as diferenças no brincar de crianças em diferentes culturas ao redor do mundo, de forma a compreender a relevância para a terapia ocupacional. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura, do tipo *Scoping Review*. As bases de dados selecionadas foram LILACS, PubMed e Scopus. Pesquisas manuais a partir da leitura das referências de estudos relevantes e busca nos periódicos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCAR e Revista de Terapia Ocupacional da USP foram realizadas. **Resultados:** 11 artigos foram selecionados para compor a amostra. Todas as crianças, independente da cultura, envolvem-se em brincadeiras compostas por diversão e intensas interações sociais no seu dia a dia. As principais diferenças encontradas no brincar dizem respeito ao sexo; materiais e tipos de brincadeiras; ambientes físicos; papel do adulto. **Conclusão:** A produção literária dos últimos dez anos com foco nos diversos padrões de participação no brincar é escassa, principalmente a literatura brasileira. Necessários estudos aprofundados quanto a influência da cultura sobre o brincar, servindo como embasamento no planejamento de estratégias de intervenção adequadas a essas populações.

**Palavras-chave:** 1. Crianças; 2. Jogos e brinquedos; 3. Terapia ocupacional; 4. Cultura.

## ABSTRACT

ROCHA, Thainá de Paiva. **Cultural differences in playing children around the world from the perspective of occupational therapy.** 2018. 41f. Monograph (Graduation) - University of Brasilia, Undergraduate Occupational Therapy, Faculty of Ceilândia. Brasília, 2018.

**Introduction:** The potential that the baby inherits develops throughout his life, especially from experiences of interaction with the environment. Playing is one of the main sources of interaction, an activity performed with an end in itself. Playing is also one of the focuses of occupational therapy, and the cultural context makes a strong influence on it. For the occupational therapist to use play as part of his/her interventions, he/she must be aware that culture will influence different ways of playing. **Objective:** This study aims to analyze the differences in the play of children in different cultures around the world, to understand its relevance to occupational therapy. **Methodology:** We conducted a scoping review. The selected databases were LILACS, PubMed and Scopus. Manual searches based on the reading of the references of relevant studies and search in the journals Brazilian Journal of Occupational Therapy and Journal of Occupational Therapy of USP were performed. **Results:** 11 articles were selected to compose the sample. All children, regardless of culture, engage in fun-filled activities and intense social interactions in their daily lives. The main differences found in play is related to sex; materials and types of games; physical environments; and the role of the adult during playing. **Conclusion:** The literature of the last ten years focusing on the different patterns of participation in play is scarce, especially in Brazilian literature. More in-depth studies on the influence of culture on playing, serving as a basis for the planning of intervention strategies appropriate to these populations are needed.

**Keywords:** 1. Child; 2. Play and Playthings; 3. Occupational Therapy; 4 Culture.

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	7
2	Método .....	10
	Tipo de pesquisa.....	10
	Coleta de dados.....	11
	Análise dos dados.....	12
3	Resultados .....	12
	Diferenças em relação a sexo.....	25
	Materiais e tipos de brincadeiras.....	26
	Ambiente físico.....	28
	Papel do adulto .....	30
	Avaliações – adaptação cultural.....	30
4	Discussão.....	32
	Limitações do estudo .....	35
5	Conclusão .....	36
	Referências .....	37

## 1 Introdução

A infância compreende o período de zero aos doze anos de idade, sendo esta uma fase rica em transformações e ampliações de possibilidades, que ocorrerão a partir de circunstâncias orgânicas de desenvolvimento e experiências emocionais e/ou sociais durante esse período (MOTTA; TAKATORI, 2001). O desenvolvimento infantil segue em constante evolução, desde o nascimento, todo potencial que o bebê herda de seus pais irá se desenvolver ao longo da sua vida, em virtude de fatores genéticos e, sobretudo a partir de suas experiências de interação com o ambiente (MOTTA; TAKATORI, 2001) e, esta interação com o ambiente externo, poderá facilitar ou prejudicar o processo de desenvolvimento. E como a criança interage com o ambiente? Como ela irá adquirir estas experiências que serão importantes para o seu desenvolvimento? Uma das principais fontes de interação é o brincar (HANSEN et al., 2007; ZEN; OMARI, 2009).

O brincar será aqui definido como uma conduta livremente escolhida, onde o prazer, a curiosidade, o senso de humor e a espontaneidade se cruzam, gerando uma atitude da qual não se espera um resultado específico (FERLAND, 2006). É por meio do brincar que a criança irá desfrutar da sensação de prazer, da descoberta, do domínio da realidade, criatividade e expressão (FERLAND, 2006).

O brincar é uma das principais ocupações da criança (ZEN; OMARI, 2009), sendo esta uma atividade realizada com um fim em si mesma, a qual a criança desempenha pelo simples prazer que sente enquanto brinca (HANSEN et al., 2007), o faz livremente e, para que o brincar aconteça, é necessária a existência do prazer durante a atividade (FERLAND, 2006). A sensação de prazer é desperta pela novidade, incerteza, desafio e curiosidade, sentimentos experimentos pela criança ao brincar (FERLAND, 2006). Esta atividade é utilizada por terapeutas ocupacionais com a população infantil, não só como um recurso terapêutico (DE CAMPOS et al., 2017; FONSÊCA; DA SILVA, 2015, RABONI; DA SILVA; PFEIFER, 2012), mas também como objetivo final de uma intervenção (ESTES; PIERCE, 2012; FONSÊCA; DA SILVA, 2015), seja com crianças com desenvolvimento típico ou aquelas com alguma deficiência (REIS; REZENDE, 2007).

Apesar do brincar ser um comportamento adaptado, comum a todos da espécie humana, ele é também um comportamento adaptativo, ou seja, ele varia em alguns

aspectos de indivíduo para indivíduo, num dado ambiente e contexto (HANSEN et al., 2007). Ambos, ambiente e contexto, são formados por elementos que circundam e compõem o indivíduo e que, não só exercem influência sobre seu envolvimento e desempenho em ocupações (AOTA, 2015), como também dizem respeito quanto ao acesso as ocupações e qualidade de satisfação com o desempenho nas mesmas. Neste sentido, o contexto cultural exerce forte influência sobre o brincar (HANSEN et al., 2007).

Cultura é uma experiência aprendida, compartilhada, flexível e dinâmica, invisível, tida como certa e real, embora não seja concreta, que propicia ao indivíduo ou grupo mecanismos para sua interação com o ambiente e com outras pessoas (MCGRUDER, 2002). “Não podemos ver e nem tocar a cultura, mas seus efeitos nos cercam, tornando-a uma força muito real” (MCGRUDER, 2002, p. 46).

Em artigo, Marques e Bichara (2011) falam sobre a zona lúdica, que é o espaço onde se desenvolverá o brincar e, nesse espaço complexo, existem variáveis que irão influenciar no brincar das crianças, que são:

[...] acesso à televisão, disponibilidade de brinquedos, atitudes dos pais e de outros adultos em relação ao brincar, disponibilidade de parceiros (irmãos e amigos), coetâneos ou não, com quem brincar; representações sociais da brincadeira e formas de brincar, bem como a visão e a expectativa que se tem da criança, do adolescente e do adulto numa determinada sociedade (MARQUES; BICHARA, 2011, p.384).

No documentário intitulado *Babies* (BALMÈS; CHABAT, 2010), é acompanhado, durante o primeiro ano de vida, o desenvolvimento de quatro crianças de lugares e culturas completamente distintos (Japão, Mongólia, Estados Unidos e África). É possível observar que, independente da cultura, todas as crianças documentadas brincam no seu dia a dia, porém, essa atividade é desempenhada de forma diferente, justamente por conta do contexto em que vivem (BALMÈS; CHABAT, 2010).

Oliveira e Menandro (2008) trazem em seu estudo a importância sobre a escolha dos objetos utilizados na brincadeira, uma vez que essa escolha representa um componente para compreensão da relação com sua realidade sociocultural. O estudo foi realizado em uma aldeia Guarani, próxima a cidade de Aracruz, no Espírito Santo. Constatou-se que os materiais mais escolhidos para a brincadeira dessas crianças que viviam na aldeia foram materiais e objetos disponíveis no próprio ambiente da aldeia, materiais da natureza, utensílios domésticos, sucatas, materiais de construção e, nesse

contexto, os brinquedos propriamente ditos, industrializados ou artesanais, apareciam com baixa frequência e, na maioria das vezes, eram brinquedos de doações dos visitantes, ou artesanais, confeccionados pelos moradores da aldeia. Também foi observada a exploração do ambiente natural nas brincadeiras, aproveitando-se as oportunidades que esse ambiente traz. Percebe-se que, mesmo que a aldeia se encontre próxima a um centro urbano, há diferenças significativas entre o brincar das crianças da aldeia comparadas com as crianças que vivem nas proximidades, podendo perceber que a cultura e o ambiente exercem grande influência no repertório lúdico das crianças (OLIVEIRA; MENANDRO, 2008).

[...] a criança busca inspiração na cultura para suas brincadeiras. Na brincadeira de faz de conta a criança busca o diálogo com a cultura; não brinca com coisas isoladas e sem significado. A textura da areia a atrai, ela quer brincar com a areia, mas a areia nunca é só areia, ela é bolo, túnel, castelo etc., e a brincadeira (que é também experimentação) se dá nessas várias dimensões simultaneamente (SKKEL, 2016, p.91).

Através do brincar que a criança descobre e atua no mundo (FERLAND, 2006), explora o ambiente e vivencia novas experiências, além de também contribuir tanto para o desenvolvimento de habilidades sensoriais, motoras, cognitivas, afetivas e sociais (FERLAND, 2006).

A terapia ocupacional, como profissão, visa facilitar as interações do indivíduo com seus ambientes, contextos e ocupações com as quais se envolve no dia a dia (AOTA, 2015). Baseia-se na premissa de que a participação em ocupações influenciará na saúde e bem-estar do indivíduo, e estas podem ser utilizadas como meio ou como fim da terapia (ESTES; PIERCE, 2012; FONSÊCA; DA SILVA, 2015). Nessa perspectiva, a área de desempenho do brincar passa a ser um dos focos de intervenção da terapia ocupacional, visto que todas as crianças, independente da cultura, exercem essa atividade (BALMÈS; CHABAT, 2010; FERLAND, 2006; ZEN; OMARI, 2009; OLIVEIRA; MENANDRO, 2008), é mais do que um comportamento, é uma predisposição interna, condição inerente ao ser humano (FERLAND, 2006), além de ser uma das principais ocupações da criança (ZEN; OMARI, 2009). Desta forma é papel do terapeuta ocupacional:

[...] utilizar métodos e técnicas de avaliação e intervenção para potencializar as oportunidades da criança para que ela dê pistas de motivação para brincar, e aproveitá-las e maximizar o autocontrole (REIS; REZENDE, 2007).

Desta forma, para que o terapeuta ocupacional possa utilizar o brincar em sua atuação ele deve estar ciente de que a cultura influenciará nos contextos e ambientes da criança (AOTA, 2015), resultando assim em diferentes formas de brincar; a compreensão desses fatores torna o profissional capaz de permitir a colaboração do indivíduo nos processos de estabelecimento de objetivos e de planejamento do tratamento; individualizar o tratamento (MATTINGLY; BEER, 1993 *apud* MCGRUDER, 2002) de forma a atender às reais necessidades do sujeito dentro do seu contexto; assegurar uma avaliação que seja precisa e identifique quais são as demandas do indivíduo; assegurar uma intervenção equitativa (MCGRUDER, 2002), o desafio é “(...) sair dos limites confortáveis, mais invisíveis, de sua cultura e classe para tentar compreender precisamente a visão do mundo e a situação de vida dos seus clientes” (MCGRUDER, 2002, p. 51). Assim, este estudo tem por objetivo analisar as diferenças no brincar de crianças em diferentes culturas ao redor do mundo, de forma a compreender a relevância para a terapia ocupacional. Este estudo busca, também: a) verificar as diferenças em relação à quantidade de tempo gasto pelas crianças com a atividade brincar; b) conhecer os tipos de brincadeiras nas diferentes culturas; c) analisar a influência do sexo das crianças nas brincadeiras em diferentes culturas; d) identificar os espaços disponíveis para a atividade em diferentes contextos culturais; e) averiguar se há participação de adultos no brincar das crianças no que se refere ao incentivo e disposição de condições favoráveis para desempenhar a atividade do brincar.

## **2 Método**

### **Tipo de pesquisa**

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, utilizando o método intitulado *Scoping Review*, ou estudo de escopo. Esse tipo de estudo se difere da revisão sistemática no que se a refere a abordar tópicos mais amplos, no qual desenhos de estudo diferentes podem ser aplicáveis e é menos propenso a procurar abordar questões de pesquisa muito específicas e, conseqüentemente, a avaliar a qualidade dos estudos incluídos (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). O estudo de escopo tem como objetivo

“traçar rapidamente os conceitos-chave subjacentes a uma área de investigação e as principais fontes e tipos de evidências” (ARKSEY; O'MALLEY, 2005, p. 21). Pode ser realizado quando o objetivo da pesquisa é: examinar a extensão, alcance e natureza da atividade de pesquisa; determinar o valor de realizar uma revisão sistemática completa; resumir e divulgar os resultados da pesquisa; identificar lacunas de pesquisa na literatura existente (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). Neste estudo, a revisão visa resumir e divulgar os resultados encontrados sobre a influência da cultura no brincar sob a ótica da terapia ocupacional.

O estudo de escopo é composto por cinco fases ou etapas, e elas são: (1) identificação da questão de pesquisa; (2) identificação de estudos relevantes; (3) seleção dos estudos; (4) mapeamento dos dados; (5) resumo e relato dos resultados (ARKSEY; O'MALLEY, 2005).

### **Coleta de dados**

A primeira etapa do estudo foi contemplada na identificação da questão de pesquisa, que é “A partir do olhar da terapia ocupacional, como a cultura influencia no brincar de crianças ao redor do mundo?” e, para responder essa questão, contemplando assim a segunda fase do estudo, foi realizada pesquisa nas bases de dados LILACS, PubMed e Scopus.

Pesquisas manuais a partir da leitura das referências de estudos relevantes também foram realizadas e, objetivando contemplar a produção brasileira, também foi realizada busca nos periódicos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCAR e Revista de Terapia Ocupacional da USP.

As palavras-chave selecionadas para a pesquisa foram crianças, brincar e terapia ocupacional, sendo que, ao adequá-las para um vocabulário controlado, utilizando a ferramenta DeCS, disponível na Biblioteca Virtual de Saúde, a palavra brincar foi substituída pelo termo “jogos e brinquedos” e seus correspondentes em inglês e espanhol, “play and playthings” e “juego e implementos de juego”. Correspondentes em inglês e espanhol de todas as palavras-chave foram utilizados com o intuito de recuperar o maior número de resultados possível nesses idiomas e, operadores booleanos também foram adicionados, como AND, OR, aspas e parênteses quando necessário, chegando-se a seguinte estratégia de busca: (Criança OR Child OR Niño) AND ("Jogos e

Brinquedos" OR "Play and Playthings" OR “Juego e Implementos de Juego”) AND ("Terapia Ocupacional" OR "Occupational Therapy").

A seleção de estudos baseou-se em (a) estudos publicados nos últimos dez anos, (b) pesquisas que foram realizadas com crianças com idade de 0 a 12 anos e (c) estudos que descrevessem seus dados de forma a permitir conhecer formas de brincar ou lazer livre de crianças em diferentes culturas. Artigos publicados em inglês, português e espanhol foram incluídos na pesquisa. Não foram incluídos na pesquisa (a) estudos que não descreviam o brincar livre e espontâneo, (b) artigos que utilizavam o brincar como um meio para alcançar metas em intervenções com populações específicas (como crianças com autismo, paralisia cerebral, TDAH, crianças que vivem em instituições, etc) e (c) pesquisas realizadas com profissionais e familiares a cerca do brincar.

Após a pesquisa nas bases de dados e periódicos, foram eliminadas as duplicatas, ou seja, estudos que apareciam mais de uma vez na pesquisa e, para identificar aqueles que se enquadravam nos critérios acima citados, foram lidos os títulos e resumos dos estudos. Aquelles que atenderam os critérios foram então selecionados para leitura na íntegra. As dúvidas foram discutidas e resolvidas mediante consenso.

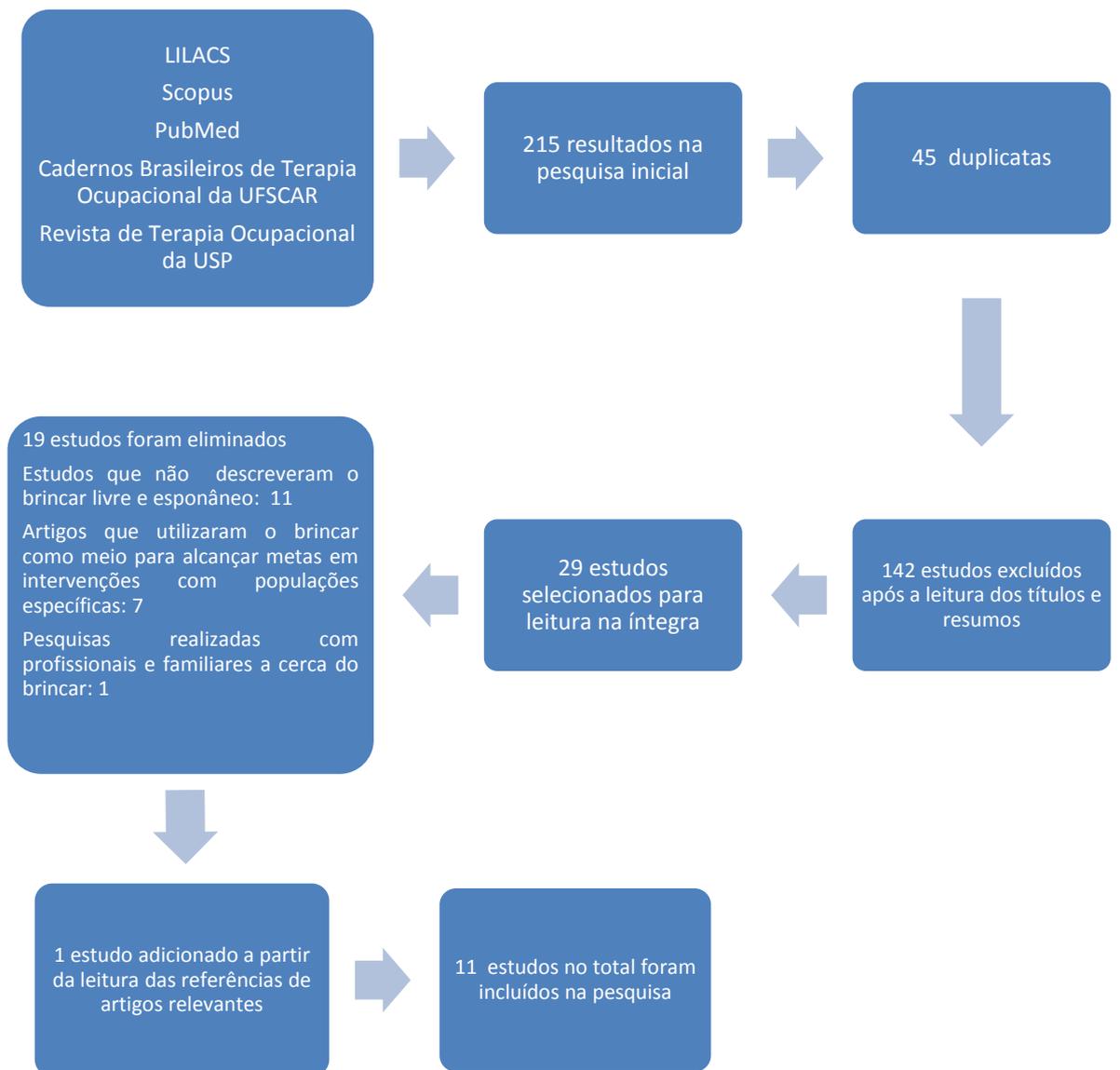
As informações coletadas dos artigos foram então organizadas de forma estruturada em uma tabela contendo as seguintes informações: título, nome dos autores, revista e ano de publicação, objetivos do estudo, principais resultados importantes a essa pesquisa e conclusões.

### **Análise dos dados**

Após a leitura dos artigos na íntegra os principais resultados foram agrupados e categorizados em relação aos temas que emergiram da análise.

## **3 Resultados**

Após a pesquisa e utilização dos critérios de inclusão e exclusão, 11 artigos foram selecionados para compor a amostra. O processo da seleção dos estudos esta descrito na Figura 1.



**Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos**

A partir da leitura dos estudos selecionados, os principais dados foram então coletados e organizados na Tabela 1.

**Tabela 1.** Contendo dados do artigo referentes a título do artigo, autor (es), revista e ano de publicação, objetivos, metodologia, resultados e conclusão.

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Revista / Ano</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Métodos</b>	<b>Resultados</b>	<b>Conclusão</b>
1. A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana	PASTORE, Marina Di Napoli; BARROS, Denise Dias	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR, 2015	Descrever e discutir as relações e dinâmicas de socialização infantis a partir de um contexto específico de Moçambique.	Etnografia com duração de cinco meses na Cidade da Matola, Moçambique; para o presente artigo, será apresentada uma narrativa para discussão e análise.	As crianças moçambicanas possuem tarefas e responsabilidades pautadas na divisão social do trabalho. Entre suas atividades há o espaço para o brincar. O brincar aparece nesta narrativa como fundamental para o desenvolvimento e a construção de saberes e conhecimentos, agregados a valores culturais e sociais, além das responsabilizações e relações que as crianças estabelecem entre pares e com os adultos.	Desconstruir os modos como as infâncias são impostas e propiciar rupturas em sua universalização são os desafios encontrados.
2. A study of the essence of play experience to children living in Zanzibar, Tanzania	BERINSTEIN, Stephany; MAGALHAES, Lilian	Occupational Therapy International, 2009	Este estudo teve como objetivo obter uma compreensão da essência do jogo para crianças que vivem em Zanzibar, na Tanzânia. O brincar é reconhecido por ser de natureza universal, mas	Uma abordagem fenomenológica usando o método photovoice foi adotada. O estudo foi realizado durante 4 semanas, com 12 meninos e 4 meninas.	Quatro temas-chave emergiram da análise de 116 fotografias: brincadeiras criativas, brincadeiras físicas, jogos de futebol e equipamentos. Os achados sugerem que a	A profissão de terapia ocupacional pode querer investigar melhor as oportunidades de brincadeiras para crianças que vivem em países em

			<p>influenciado por seu contexto cultural. O contexto e a cultura da Tanzânia irão influenciar o modo como as crianças que vivem em situação de pobreza jogam.</p>		<p>experiência de brincar em Zanzibar tem aspectos de criatividade e desenvoltura e influências da tradição, cultura e pobreza. Além disso, essa oportunidade de brincadeira pode diferir para as crianças na Tanzânia, em comparação com as crianças nos países ocidentais.</p>	<p>desenvolvimento. Além disso, pode ser valioso examinar diferentes aspectos do brincar, como o significado para crianças de diferentes culturas e seu potencial valor restaurativo para crianças que sofreram eventos traumáticos.</p>
<p>3. Cross-cultural adaptation and reliability of child-initiated pretend play assessment (ChIPPA)</p>	<p>PFEIFER, Luzia I.; QUEIROZ, Mirella A.; SANTOS, Jair L. F.; STAGNITTI, Karen E.</p>	<p>Canadian Journal of Occupational Therapy, 2011</p>	<p>Este artigo apresenta um estudo sobre a adaptação transcultural de uma avaliação australiana para uma população brasileira.</p>	<p>O uso dos estágios de Beaton et al. (2000) para adaptação transcultural de avaliações é bem aceito dentro da comunidade de pesquisa brasileira, foi a metodologia escolhida para este estudo. Consiste em seis etapas. Esses estágios são (1) tradução antecipada; (2) síntese de tradução; (3) retrotradução para o idioma original por dois tradutores independentes; (4) comitê de análise; (5) o autor revisa a versão adaptada da avaliação e</p>	<p>Os materiais do jogo e a duração da avaliação foram apropriados para crianças brasileiras. A análise da confiabilidade intraexaminador mostrou boa concordância variando de 0,90 a 1,00. A confiabilidade entre avaliadores mostrou boa a moderada concordância para cinco itens, variando de 0,76 a 0,59. Quatro itens apresentaram chance de baixa concordância (<math>\rho = -0,13</math> a 0,50).</p>	<p>Os resultados do pré-teste indicam que a versão brasileira do ChIPPA é potencialmente útil para crianças brasileiras. O treinamento do ChIPPA em português no Brasil com feedback de observação por brincadeira é recomendado para melhorar a confiabilidade entre avaliadores.</p>

				dá feedback ao comitê de análise; (6) pré-teste.		
4. Cultural and gender effects on Israeli children's preferences for activities	ENGEL-YEGER, Batya; JARUS, Tal	Canadian Journal of Occupational Therapy, 2008	Elaborar o conhecimento sobre a participação de crianças israelenses referindo-se à preferência de atividades no cotidiano, utilizando uma nova medida que enfoca o lazer e atividades recreativas fora das atividades escolares, com base no relato da criança. Este estudo examina o modo como a preferência das crianças é afetada por suas diferentes origens culturais, a saber, crianças judias e árabes-druze, assim como por seu gênero.	Este foi um estudo transversal de comparação baseado em uma amostra de conveniência. Foram utilizados dois instrumentos para coletar os dados, um questionário sociodemográfico e a avaliação PAC. Realizado em Israel, com 30 crianças de origem judaica e 30 crianças de origem Drusa, a idade variou entre 8 e 10 anos. Todas as crianças frequentavam escolas públicas em uma cidade ao norte de Israel.	As crianças judias mostraram preferência significativamente menor pelas atividades do que as crianças drusas em todas as escalas, exceto a escala de habilidades sociais, onde nenhuma diferença significativa foi encontrada entre os grupos. Os resultados indicaram que as diferenças entre os grupos na preferência de atividades podem ser atribuídas ao fato de as crianças terem vindo de culturas diferentes, embora morem em cidades vizinhas. Os judeus vivem em uma cidade com um estilo de vida ocidental. A cidade dos drusos apresenta a interação entre as raízes culturais expressas na organização da cidade e os trajes conservadores dos cidadãos e o impacto de a exposição	Os resultados do presente estudo destacam a necessidade de considerar fatores pessoais (gênero) e ambientais (cultura) como principais determinantes das preferências de participação. É importante que os terapeutas ocupacionais desenvolvam a competência cultural e explorem ainda mais a experiência individual como um ser cultural, pode ser benéfica para o desenvolvimento de avaliações adequadas de populações de diferentes culturas e ajudar os terapeutas ocupacionais a entender o modo como a cultura influencia o funcionamento diário da criança e a maneira como a cultura está

					à modernização ocidental.	relacionada ao desenvolvimento e à criança e participação.
5. Development of the Indigenous Child-Initiated Pretend Play Assessment: Selection of play materials and administration..	DENDER, Alma; STAGNITTI, Karen	Australian occupational therapy journal, 2011	Este artigo relata a seleção de materiais lúdicos culturalmente apropriados e neutros em termos de gênero e as mudanças na administração identificadas para desenvolver ainda mais a avaliação de jogo de faz de conta iniciada por Crianças Indígenas (I-ChIPPA).	Vinte e três crianças com idade entre quatro e seis anos em desenvolvimento na região de Pilbara, na Austrália Ocidental, participaram do estudo. As crianças foram presenteadas com quatro conjuntos de materiais de brincar e as contagens de frequência foram gravadas para cada vez que a criança usou um dos materiais de jogo em uma ação de simulação. Doze das 23 crianças vieram jogar em pares.	Os meninos e meninas usaram o conjunto de brinquedos de Pilbara, incluindo os bonecos de cor escura e os animais da região de Pilbara, mais frequentemente do que os materiais de jogo padronizados da Child-Initiated Pretend Play Assessment (ChIPPA).	Este estudo relata os primeiros passos no desenvolvimento do I-ChIPPA. O desenvolvimento futuro incluirá o refinamento da administração e pontuação com pares de crianças e, em seguida, testes de validade da avaliação.
6. Estudio Descriptivo de Forma Y Funcion Del Juego Libre Del Niño (a) en Etapa Preescolar	CANDIA, Oskarina Palma; SALDIVINA, María Inés Lavadie; OJEDA, Cristian Paredes; NAHUELQUIN, Hernán Seguel; MALDONADO, Karina Uribe	Revista Chilena de Terapia Ocupacional, 2012	Observar, descrever e compreender a forma e a função do brincar livre de 7 crianças de diferentes pré-escolas da cidade de Punta Arenas, Chile. Com o objetivo de identificar aspectos que norteiem a melhoria do desempenho escolar e a adaptação ao ambiente educacional.	A presente investigação baseia-se em uma abordagem qualitativa, sendo seu método o estudo de caso, através da observação tanto no estabelecimento de ensino quanto em casa complementada por entrevistas semiestruturadas com o	Em geral, a essência da criança, a sua preferência nos jogos e no estilo de atividades selecionadas é mantida, apenas muda a maneira pela qual o jogo ou os elementos que estão disponíveis são feitos. Em ambos os contextos, na maioria dos casos, a	O brincar adquire diferentes conotações, em geral serve para desenvolver habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sensoriais, principalmente como um meio de desenvolver interação social, que em

				<p>tutor e educadores da criança, para os quais estava disponível o consentimento informado dos pais das crianças e a cooperação das famílias educadoras e dos diretores dos estabelecimentos de ensino.</p>	<p>função social, motora e intelectual continua a predominar de acordo com suas características individuais, a criança que brinca no jardim com seus pares, brinca em casa com a família, a função de interagir com seu ambiente social não varia, se a criança está envolvida em brincar no jardim de infância com carros, quebra-cabeças, corrida, em casa usa outros brinquedos articulados, legos, bicicleta, a função de desenvolver ou encorajar as habilidades motoras não mudam, apenas mudam o caminho, o contexto e os meios para fazê-lo.</p>	<p>equilíbrio favorecem o desenvolvimento integral da criança. O contexto pode ser apresentado como um facilitador ou uma barreira na forma e na execução do brincar livre da criança, pois pode proporcionar oportunidades ou instâncias de estimulação nos mais diversos ambientes e conceder possibilidades de interação com os outros, seja companheiros ou familiares. Um fator primordial que influencia a realização do jogo da criança é o fator clima, o que limita a livre execução do jogo, considerando condições regionais, baixas temperaturas, chuvas, ventos fortes e umidade, entre outros, limite a possibilidade de jogar um jogo ao ar livre.</p>
--	--	--	--	--	--	---

<p>7. Play preference of children with ADHD and typically developing children in Brazil: a pilot study.</p>	<p>PFEIFER, Luzia Iara; TERRA, Lauana Nogueira; DOS SANTOS, Jair Licio Ferreira dos Santos; STAGNITTI, Karen Ellen; PANUNCIO-PINTO, Maria Paula</p>	<p>Australian occupational therapy journal, 2011</p>	<p>O presente estudo foi realizado no Brasil e teve como objetivo investigar a diferença entre o brincar de crianças com TDAH e crianças com desenvolvimento típico em relação a parceiros de brincadeiras, locais de diversão e brinquedos utilizados no brincar.</p>	<p>A amostra foi composta por 32 crianças em idade escolar (7 a 12 anos) de famílias de baixo nível socioeconômico, de uma cidade do Estado de São Paulo. Grupo G1 composto por 16 crianças com TAH e o grupo G2 composto por 16 com desenvolvimento típico. A brincadeira das crianças foi avaliada usando o questionário Children's Play Behavior.</p>	<p>Não houve diferenças significativas entre os grupos em relação à preferência por pares, os irmãos foram citados como os parceiros mais preferidos nas brincadeiras, seguido por colegas. Crianças com desenvolvimento típico citaram a rua como o local mais preferido para brincar. As crianças em desenvolvimento típico relataram que sua atividade preferida era jogar eram jogos de tabuleiro ou construção, em relação à frequência com que desempenham as atividades, as atividades motoras foram relatadas com maior frequência, seguido por brincadeiras de jogo simbólico, atividades educacionais, jogos eletrônicos e jogos de tabuleiro ou construção.</p>	<p>Esses resultados contribuem para o conhecimento sobre o brincar de crianças com TDAH e contribuem para o planejamento de estratégias de intervenção em terapia ocupacional para essa população.</p>
<p>8. Psychometric</p>	<p>GOLCHIN, Mino</p>	<p>Iranian Journal of</p>	<p>O objetivo deste estudo</p>	<p>Dez terapeutas</p>	<p>Verificou-se que a</p>	<p>Conclui-se que o</p>

properties of persian version of “child-initiated pretend play assessment” for Iranian children	Dabiri; MIRZAKHANI, Navid; STAGNITTI, Karen; GOLCHIN, Mahsa Dabiri; REZAEI, Mehdi	Pediatrics, 2017	foi traduzir o ChIPPA e examinar a validade de face e conteúdo da versão persa recém-traduzida do ChIPPA. O segundo objetivo foi estabelecer a confiabilidade interavaliadores, intra-avaliadores e teste-retorno da versão persa da ChIPPA.	ocupacionais consentiram em participar do estudo de validade de conteúdo. A validade da face foi examinada por cinco especialistas em terapia ocupacional. Para confiabilidade, 31 crianças em desenvolvimento típico com idade entre 4 e 6 anos foram escolhidos em creches de quatro regiões de Teerã, no Irã. Duas semanas após a avaliação inicial das crianças foram re-testadas para confiabilidade teste-reteste. Confiabilidade intraexaminador e interexaminador foi pontuada a partir de vídeos da avaliação da brincadeira infantil.	versão persa da ChIPPA tinha excelente confiabilidade interexaminador e intraexaminador. O PEPA e a NOS combinada e simbólica tiveram uma boa e excelente confiabilidade teste-reteste. A confiabilidade teste-reteste para NOS convencional foi moderada e para NIA foi fraca. No entanto, para NIA, em cada avaliação, as crianças tiveram menos de uma ação imitada por criança.	ChIPPA é uma avaliação apropriada e apropriada do jogo fingido para crianças iranianas. Sugere-se que seja realizado um estudo de normalização que permita comparar a pontuação de brincadeira de uma criança com os colegas.
9. Retratos do cotidiano de meninos de cinco e seis anos: a atividade de brincar	NUNESSA, Flavia Bignardi da Silva; FIGUEIREDO, Mirela de Oliveira, BARBAC, Patricia Carla de Souza Della;	Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCAR, 2013	O presente estudo objetivou compreender como as atividades cotidianas e o brincar se estruturam dentro da vida de crianças de cinco e seis anos de idade à luz do	Trata-se de um estudo exploratório descritivo do tipo estudo de caso múltiplo. Participaram deste estudo quatro mães, que representaram seus filhos na resposta	A análise dos resultados desta pesquisa proporcionou a compreensão de como é composto o cotidiano dessas crianças, sua rotina e o tempo	O brincar tem uma representação importante no cotidiano ocupacional das crianças e se firma como experiência de vida fundamental

	EMMELD, Maria Luísa Guillaumon		relato de suas mães. Para isso, identificou o tempo médio gasto com as atividades cotidianas, as preferências por brinquedos e brincadeiras, seus companheiros favoritos e o potencial dessas brincadeiras para o desenvolvimento de habilidades nas crianças.	aos instrumentos de coleta de dados. As quarto crianças pertenciam a famílias de classe média, todas do sexo masculino e com idade entre 4 e 5 anos. Os instrumentos para coleta de dados foram o Relógio de atividades e um roteiro de entrevista semiestruturada.	utilizado com as atividades do seu dia a dia. Os principais resultados mostram que a maior parte do tempo diário das crianças é utilizada com sono, atividades escolares e brincadeiras. Indicam que as crianças preferem brincadeiras que desafiam aquisições que se encontram em construção. Em relação às companhias, essas crianças ainda têm a mãe como referência para o brincar, mas também pares de sua idade ou um pouco mais velhos.	para a aquisição de habilidades e para o enfrentamento de desafios.
10. The Influence of Context: A Naturalistic Study of Ugandan Children's Doings in Outdoor Spaces	NJELESANI, Janet; SEDGWICK, Amy; DAVIS, Jane A.; POLATAJO, Helene J.	Occupational Therapy International, 2011	O objetivo deste estudo foi adicionar à compreensão da natureza contextual das ocupações das crianças, observando as crianças em espaços ao ar livre em Uganda, particularmente observando o que as crianças fazem em um contexto que difere do Ocidente, fisicamente,	A observação naturalista foi utilizada para este estudo, que permitiu que o pesquisador principal permanecesse aberto a múltiplas variações entre as ocupações de crianças. Este estudo usou uma amostra intencional consistindo de todas as crianças observadas ao ar livre	As ocupações das crianças caíram em duas grandes categorias: 1) tipos de ocupações: brincar, trabalhar e nada em particular e 2) características do envolvimento ocupacional: estar em grupos de pares, divertir-se e usar materiais no ambiente.	Há aspectos das ocupações das crianças que parecem influenciadas pelo contexto e aspectos que a transcendem. Embora tenham sido encontradas semelhanças entre as culturas minoritárias e maioritárias no nível geral das ocupações,

			socialmente, culturalmente, economicamente e politicamente.	em Mbarara, Uganda, um total de 100 crianças foram observadas. Os indivíduos eram considerados crianças se pareciam estar entre a infância e a pré-adolescência, com base no tamanho e na aparência. Ambos os gêneros e uma variedade de idades foram observados. As crianças foram observadas em três espaços públicos ao ar livre: um parque público, uma estrada residencial e um mercado local.	O envolvimento predominante das crianças ao ar livre foi a brincadeira, incluindo brincadeiras criativas e ativas.	os resultados deste estudo apontam para a natureza contextualmente situada e flexível das ocupações das crianças. Sua interação com os ambientes físicos, culturais, sociais e políticos que os cercam criam características distintas de engajamento ocupacional nos mundos da maioria e das minorias. Os resultados deste estudo podem servir como base para entender as ocupações das crianças em diferentes contextos.
11. The Play Experiences of Preschool Children from a Low socioeconomic Rural Community in Worcester, South Africa	BARTIE, Michelle; DUNNELL, Alex; KAPLAN, Jesse; OOSTHIZEN, Dianka; SMIT, Danielle; DYK, Anchen; CLOETE, Dr Lizahn; DUVENAGE, Mia	Occupational Therapy International, 2016	O objetivo principal era determinar as oportunidades de brincadeiras, atividades, equipamentos, brinquedos e ambiente de jogo para crianças de 5 a 6 anos que vivem em uma comunidade de baixo nível socioeconômico fora de uma pequena cidade na	Uma abordagem fenomenológica foi utilizada com a análise de conteúdo indutivo de dados coletados através de notas de campo, a partir de revistas reflexivas observacionais pelos pesquisadores e entrevistas fotoguiadas	Os dados foram analisados usando análise de conteúdo indutivo. Dois temas globais surgiram dos resultados: “as crianças da vizinhança encontram formas de brincar” e “as influências do contexto no brincar”. As crianças	Os participantes deste estudo não precisaram de brinquedos caros para poderem jogar e encontrar brincadeiras sedutoras e significativas. Atividades lúdicas que podem ser usadas na avaliação e intervenção incluem

			<p>África do Sul, a fim de entender melhor a natureza do brincar neste ambiente.</p>	<p>usando um método photovoice adaptado.</p>	<p>tiveram ampla oportunidade de brincar e participaram de extensas brincadeiras ao ar livre. Seus jogos eram altamente sociais e envolviam o uso imaginativo de itens encontrados usados como brinquedos.</p>	<p>canto e dança e o uso de equipamentos familiares encontrados no ambiente, como areia, gravetos e pedras. Pode ser necessário revisar avaliações de jogos tradicionais em comunidades semelhantes para abranger isso.</p>
--	--	--	--	--	--	---

Os resultados da pesquisa indicam que, independente da cultura, todas as crianças estudadas brincam, sendo encontrados aspectos semelhantes na realização da atividade nos artigos pesquisados.

A semelhança encontrada predominantemente nos estudos diz respeito ao brincar como uma experiência social, sendo que a brincadeira aparece como fomentadora de interações sociais, principalmente com outras crianças. Em Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009) as crianças raramente eram vistas brincando sozinhas, na maior parte das vezes estavam acompanhadas por outras, em grandes ou pequenos grupos, o mesmo foi observado em Moçambique (PASTORE; BARROS, 2015), Uganda (NJELESANI et al., 2011) e Worcester (BARTIE et al., 2016). Candia et al. (2012) identificou que as crianças estudadas mostravam preferência por brincar acompanhadas, sendo os irmãos citados com maior frequência, resultado semelhante ao encontrado por Pfeifer et al. (2011b) e por Nunes et al. (2013).

Outro aspecto importante encontrado nos estudos diz respeito ao prazer despertado ao desempenhar a atividade. Berinstein e Magalhães (2009) relataram que em suas observações enquanto as crianças brincavam elas eram vistas sorrindo, batendo palmas, demonstrando que estavam se divertindo, uma delas relatou que vê o brincar como um momento de diversão. O mesmo foi observado com as crianças na Uganda (NJELESANI et al., 2011), nesse estudo a diversão permeava outras atividades além do brincar, as crianças adicionavam aspectos de ludicidade enquanto realizam atividades de trabalho e domésticas, assim como as crianças em Worcester (BARTIE et al., 2016). Bartie et al. (2016) observaram que as crianças se divertiam nas brincadeiras, riam, gritavam, demonstrando satisfação com a atividade, alguns participantes do estudo relataram que a diversão era o principal motivo para brincarem.

Durante as brincadeiras o riso era um aspecto marcante nos achados de Pastore e Barros (2015), a diversão era intensificada nas brincadeiras na rua e, enquanto envolvidas em outras atividades, as crianças esboçavam alegria e ansiedade por poder brincar. Ao brincar a criança abordada no estudo de caso de Candia et al. (2012) mostrava-se alegre e interessada. Pfeifer et al. (2011b) trazem o brincar como uma forma prazerosa da criança desenvolver suas habilidades.

Os resultados dos estudos também mostraram que o brincar das crianças se difere em alguns aspectos, que após análise foram agrupados quanto a diferenças em relação ao sexo, materiais e tipos de brincadeiras, ambiente físico e o papel do adulto.

### **Diferenças em relação a sexo**

Diferenças quanto ao sexo foram notadas no brincar nas diferentes culturas. Pastore e Barros (2015), ao analisarem as relações e dinâmicas de socialização que perpassam a infância no contexto de um bairro na cidade de Moçambique, notaram que as meninas eram responsáveis por realizar as atividades de cuidado com a casa (cozinhar, lavar, fazer compras, etc) e só então após a finalização dessas atividades que podiam brincar. Nesta cultura a realização de atividades domésticas por crianças é considerada uma forma de aprendizado para a vida adulta, importante para as meninas, que quando crescerem terão a responsabilidade de cuidar de seus maridos e suas casas (PASTORE; BARROS, 2015). Enquanto as meninas se dedicavam as atividades domésticas os meninos desfrutavam do seu tempo livre brincando ou dançando. Ao brincar as meninas comumente preferiam as cantigas de roda, brincadeiras de jogo simbólico envolvendo encenações, como desfiles com retalhos de pano, e, entre os meninos eram comuns as brincadeiras de luta e futebol (PASTORE; BARROS, 2015). Brincadeiras com jogo simbólico também foram comumente mais observadas entre as meninas na comunidade rural Worcester, na África do Sul (BARTIE et al., 2016) e, em Zanzibar, além das brincadeiras envolvendo jogo simbólico, as garotas registraram em fotografias brincadeiras como jogos tradicionais e não se envolveram em jogos de futebol (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009).

Engel-Yeger e Jarus (2008) fazem uma comparação quanto às diferenças na participação de meninos e meninas israelenses de origem judaica e drusa quanto à preferência de atividades no cotidiano. Entre os drusos, foram encontradas diferenças quanto à participação em atividades de habilidades sociais, sendo que as meninas demonstram preferência quanto a esse grupo de atividades. Como a escala utilizada nesse estudo quantifica o que a criança gostaria de fazer mais, sua preferência, e não o que ela realmente faz e, sendo os drusos um grupo étnico tradicionalmente conservador, onde as meninas são mais protegidas com o intuito de conservar sua honra e da família, certas atividades como sair, ir à casa de alguém, ir ao cinema, são proibidas às meninas, gerando nelas um maior interesse em participar dessas atividades em relação aos

meninos (ENGEL-YEGER; JARUS, 2008). As meninas também mostraram maior preferência nas atividades de artesanato, desenhar e colorir, e relataram atividades de artes marciais como as que menos gostavam.

### **Materiais e tipos de brincadeiras**

O estilo de brincadeira escolhida por cada criança é condicionado e diretamente relacionado com o acesso a diferentes dispositivos e brinquedos. Berinstein e Magalhães (2009) utilizando-se do método photovoice para compreender o significado do brincar para crianças de uma comunidade de baixo nível socioeconômico em Zanzibar, na Tanzânia, observaram nas fotografias e na discussão com as crianças que não houve registro de nenhuma brincadeira envolvendo tecnologias, ou equipamentos além do pátio da escola e de bolas de futebol. O restante do material utilizado nas brincadeiras eram sucatas, pedras, paus, lixo. As crianças improvisavam usando de sua imaginação e criatividade, interpretando papéis, por exemplo, a casca de coco vazia nunca era somente uma casa de coco, na brincadeira ela se tornou uma panela onde pedras seriam cozidas servindo de alimento na encenação, buracos no chão nunca eram apenas buracos no chão, eles representam um jogo tradicional do local, que na ausência do tabuleiro era improvisado no chão, e as peças eram improvisadas com pedras. Quando não tinham uma bola as crianças improvisavam usando plástico, papelão, pedras, qualquer material disposto no ambiente que pudessem chutar e fazer com que o jogo de futebol acontecesse. Desta forma várias fotografias foram registradas durante partidas de futebol, tanto improvisadas quanto organizadas no pátio da escola, com uniformes diferentes para cada time. É perceptível o valor cultural atribuído ao futebol, jogo que chegou ao país durante sua colonização e foi modificado, adicionando-se a ele sua própria expressão cultural, com competições de tambor, dança e poesia durante as partidas, atribuindo a esse jogo grande valor cultural que permanece até os dias atuais na sociedade de Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009).

O mesmo tipo de materiais improvisados como brinquedos foram encontradas entre as crianças ugandesas, da região de Mbarara (NJELESANI et al., 2011) e, também entre as crianças Moçambicanas (PASTORE; BARROS, 2015), uma vez que elas faziam uso do que estivesse disponível no ambiente, lixo, barro, pedras, madeiras, plásticos, tudo aquilo que pudesse ser aproveitado e transformado em brinquedos. Quanto ao tipo de brincadeiras, as crianças da região de Mbarara (NJELESANI et al.,

2011) desempenhavam brincadeiras criativas, onde criavam seus próprios brinquedos a partir de materiais disponíveis no ambiente, e brincadeiras ativas, onde envolviam grandes conjuntos musculares, como correr, pular, subir em árvores, jogar bola, enquanto as crianças de Moçambique envolviam-se com dança, brincadeiras de encenação, no qual imitavam algum episódio que haviam vivenciado entre adultos, cantigas de roda, futebol e jogos tradicionais (PASTORE; BARROS, 2015).

Em Worcester, no Cabo Ocidental da África do Sul, uma comunidade de baixo nível socioeconômico, as crianças foram vistas brincando com bonecos, utensílios de cozinha e animais de plástico, entre outros brinquedos industrializados e de baixo custo. Em sua maioria esses brinquedos estavam sujos, velhos e gastos, mas ainda assim as crianças demonstravam forte apego e cuidado com os mesmos para que durassem por mais tempo (BARTIE et al., 2016). No entanto os brinquedos improvisados foram vistos com maior frequência, era comum o reaproveitamento do lixo, madeiras, paus, pedras, caixas de papelão. Um jogo improvisado de críquete foi observado, pranchas de madeira foram usadas como bastão e sacos de pão de plástico como bolas, a partir de um fio velho de telefone surgiu uma corda para um peão, pedras e uma madeira velha viraram um jogo de tabuleiro, tudo podia ser útil para fazer a brincadeira acontecer. Crianças foram vistas brincando com animais como cachorro, galinhas e cabras (BARTIE et al., 2016). As crianças se envolviam preferencialmente em brincadeiras ativas fisicamente, como subir em árvores, saltar, correr. Jogos típicos também foram observados, como tag, esconde-esconde, sol, lua e estrelas e brincadeiras que envolviam dança com cantigas carregadas de elementos culturais, fazer “chapper”, uma palavra local que quer dizer tatuagem, nesta brincadeira a criança pegava uma borboleta, arrancava suas asas, molhava-as e depois colocava as asas da borboleta no braço fingindo ser uma tatuagem.

Estudos que retratavam culturas ocidentais, como em Punta Arena, capital de Magalhães, no Chile (CANDIA et al., 2012), e duas cidades no Estado de São Paulo, uma cidade pequena do interior (NUNES et al., 2013) e uma cidade grande (PFEIFER et al., 2011b), apontam em seus resultados que as crianças dispunham de maior variedade de recursos para desenvolver a brincadeira, materiais como bicicletas, bonecas, panelas e comidas de plástico, jogos de raciocínio (dominó, memória, quebra cabeça, cara-a-cara), carros em miniatura, jogos de construção (legos®), bolas, lápis de cor, carrinhos de bebê, skate, balanço, gangorra, escorredor, livros, bichos de pelúcia,

casa de bonecas, predominavam nas brincadeiras das crianças. Outros recursos frequentemente vistos foram os tecnológicos, como computador, videogames e DVDs.

Pfeifer (2011b) traz nos resultados do seu estudo que as crianças preferiam envolver-se em jogos de tabuleiro ou construção, como fazer castelos de areia, dominó, jogo da memória e lego®, seguido por brincadeiras de jogo simbólico, jogos eletrônicos e atividade motora, como jogar com bolas, correr e pegar, esconder e procurar, quem tem o anel, elástico, skate, pipas, bolinhas de gude e boliche. Quanto à frequência com que desempenham essas atividades, as atividades motoras ficaram em primeiro lugar, seguidas por brincadeiras de jogo simbólico, atividades educacionais, jogos eletrônicos e jogos de tabuleiro ou construção (PFEIFER, 2011b).

No estudo de Nunes et al. (2013) os brinquedos utilizados pelas crianças foram divididos em categorias: sensoriais, motores, de raciocínio, imaginação e interação social. As mães das crianças relataram que a massinha de modelar era o brinquedo favorito na categoria de brincadeiras sensoriais, a música também apareceu em todas as respostas; andar de bicicleta e bola apareceu em todas as respostas na categoria brincadeiras motoras; quanto aos brinquedos que estimulam a imaginação foram citados livros, bonecos e carrinhos (NUNES et al., 2013). As brincadeiras de jogo simbólico apareceram em todas as respostas, sendo que na maior parte das vezes as crianças utilizavam objetos para dar suporte à brincadeira e encenavam situações vistas no cotidiano.

### **Ambiente físico**

Quanto aos locais disponíveis para brincar, tanto em Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009) quanto em Moçambique (PASTORE; BARROS, 2015), Uganda (NJELESANI et al., 2011) e Worcester (BARTIE et al., 2016) as crianças comumente desempenhavam o brincar em espaços externos a casa, como quintais, ruas, terrenos abandonados.

Pastore e Barros (2015) identificaram que o uso dos espaços do bairro para que as crianças pudessem brincar era permitido, contanto que não fosse dentro de casa e, os pais se sentiam seguros quando os filhos estavam nas ruas, pois todos do bairro se conheciam, tinham confiança e as crianças sabiam onde podiam ou não ir.

Bartie et al. (2016) relataram que o quintal servia como um playground para as crianças. Nesses espaços, em sua maioria, não havia grama, eram cobertos por lama, pedras, terra, lixo e ofereciam riscos às crianças de se machucarem ou caírem. Alguns pais não se sentiam seguros com seus filhos brincando nas ruas, sendo que algumas das crianças só tinham permissão para brincar com seus brinquedos dentro de casa, para evitar que fossem roubados, visto que a taxa de criminalidade em Worcester é alta. Para os participantes a rua oferecia um espaço maior e com mais oportunidades para brincarem da forma que gostavam, sendo que apenas um participante relatou preferir brincar dentro de sua casa (BARTIE et al., 2016).

Nas fotografias registradas pelas crianças em Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009) a rua apareceu como o cenário mais popular nas brincadeiras; ruas estreitas, labirínticas, ruas cobertas por terra, terrenos abandonados, entre outros. Fotografias também foram registradas no pátio da escola e um registro de brincadeira foi feito em casa por uma das crianças.

Diferente dos estudos acima citados, Candia et al. (2012) trazem em seu estudo espaços externos para brincadeiras como jardim, quintal, playgrounds, locais limpos e organizados, que dispõem segurança e recursos que dão suporte a brincadeira, o que não foi visto entre as crianças em Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009), Moçambique (PASTORE; BARROS, 2015), Uganda (NJELESANI et al., 2011), Worcester (BARTIE et al., 2016). Candia et al. (2012) também relataram que há diferença significativa no brincar quando desempenhado em casa e na escola. Em casa a criança atinge um nível maior de segurança, interage com os demais, desenvolve habilidades sociais e principalmente motoras. Na escola a criança mostrou tendência a participar de atividades estruturadas sugeridas por educadores, brincadeiras de caráter cognitivo e habilidades motoras finas (CANDIA et al., 2012). “Em casa o jogo adquire uma conotação de caráter sócio-motor, sendo um personagem totalmente ativo (...) enquanto no jardim, a menina é apenas uma observadora passiva de seu contexto” (CANDIA et al., 2012).

No estudo de Pfeifer et al. (2011b) as crianças tinham como opções de escolha de locais para brincar a escola, clube, quadra, casa do vizinho, rua, quintal e dentro de casa. Os participantes citaram a rua como o local preferido para brincar e a casa do vizinho como o local menos preferido.

## **Papel do adulto**

Nos estudos encontrados foram notadas diferenças quanto ao papel desempenhado pelos adultos quanto ao brincar das crianças no que se diz respeito ao incentivo e monitoramento dos momentos de brincadeira.

Em Zanzibar (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009), Moçambique (PASTORE; BARROS, 2015) e Uganda (NJELESANI et al., 2011) a brincadeira acontece comumente sem a supervisão e incentivo dos adultos. As crianças eram vistas por todas as partes, sentadas, brincando nas ruas cuidando umas das outras, carregando bebês, (BERINSTEIN; MAGALHAES, 2009); em grupos, a maior parte do tempo, composto por integrantes de sexo e idades diferentes, onde os maiores cuidavam dos menores (NJELESANI et al., 2011), tipicamente sem a presença de um adulto.

Já na comunidade em Worcester (BARTIE et al., 2016) foi observada uma supervisão mínima de adultos enquanto as crianças brincavam nas ruas, onde moradores da comunidade que estavam por perto observavam a atividade. Na ausência dos adultos as crianças cuidavam umas das outras, diversas vezes foi observado crianças maiores cuidando de outras mais novas, paravam a brincadeira para buscá-las quando essas se afastavam, indicavam quando podiam atravessar uma rua, ditavam as regras nas brincadeiras, seguravam em suas mãos e carregavam-nas no colo (BARTIE et al., 2016).

Diferente do que foi visto nos estudos acima citados, no interior de São Paulo (NUNES et al., 2013), todas as crianças que participaram da pesquisa relataram brincar com os pais, sendo a mãe citada com maior frequência. Quando não envolvidos na brincadeira, os adultos estavam supervisionando a mesma, intervindo em acidentes e confrontos entre as crianças (NUNES et al., 2013). A participação dos pais também foi vista no estudo de Pfeifer et al. (2011b).

## **Avaliações – adaptação cultural**

Outro tema relevante que emergiu da análise dos dados foram os trabalhos que falam sobre validações transculturais de avaliações do brincar. Três estudos abordaram a avaliação do brincar de faz de conta iniciado pela criança (ChIPPA), que avalia a capacidade da criança de iniciar espontaneamente o brincar de faz de conta e mantê-lo, dividindo-se em brincar simbólico e imaginativo convencional. O brincar imaginativo

convencional diz respeito ao brincar com objetos estruturados e comuns nas brincadeiras, já o brincar simbólico corresponde às brincadeiras com objetos não estruturados (PFEIFER et al., 2011a; DENDER; STAGNITTI, 2011; GOLCHIN et al., 2017).

Dender e Stagnitti (2011) validaram a ChIPPA para crianças de uma comunidade indígena em Pibara, no oeste da Austrália. Para isso foram selecionados quatro conjuntos de materiais para brincadeira. O primeiro conjunto, chamado brinquedos de Pibara, composto com animais da região, bonecos masculinos e femininos de pele escura, caminhão, reboque, cercas e chave inglesa, sendo esta uma indicação de líderes das comunidades; o segundo conjunto, brinquedos convencionais ChIPPA, composto por animais de fazenda, bonecos femininos e masculinos de pele clara, um caminhão, um trailer, 12 cercas e uma chave inglesa; o terceiro conjunto, brinquedos de jogo simbólico ChIPPA, composto por caixa grande, uma caixa pequena, um tarugo, um palito, três pedrinhas, uma lata, um cone, uma toalha de chá, toalha de rosto e dois bonecos de pano branco (DENDER; STAGNITTI, 2011). O quarto conjunto apresentado foi uma combinação entre os brinquedos de Pibara e os brinquedos convencionais da ChIPPA. Os líderes das comunidades sugeriram que os participantes com idade entre quatro e cinco anos fossem avaliados aos pares, visto que é costume entre eles brincarem em grupos e, também, seria uma forma de deixá-los mais confortável enquanto estivessem sendo avaliados. O intuito era de contar a frequência que cada criança utilizava um brinquedo em uma ação de brincadeira, para assim detectar suas preferências, garantido-se a neutralidade quanto ao gênero, para que fossem determinados os objetos a serem adicionados na avaliação modificada, a IChIPPA, com crianças indígenas (DENDER; STAGNITTI, 2011).

Com o estudo foi observado que os animais de Pibara foram os brinquedos mais utilizados em simulações de brincadeiras, quando apresentadas a esse conjunto de brinquedos as crianças demonstravam mais excitação, usavam mais linguagem oral, aumento do volume e velocidade da fala, nomeavam os animais, usavam palavras de sua língua indígena de costume durante a brincadeira, usavam adjetivos para descrever os animais, comportamentos que não foram observados com os animais de fazenda do conjunto de brinquedos convencionais da ChIPPA; em segundo lugar ficaram os animais de fazenda e cercas. Os bonecos de pele de cor escura foram mais utilizados do que os bonecos com pele de cor clara (DENDER; STAGNITTI, 2011). Quando

apresentadas ao conjunto de materiais não estruturados a brincadeira variou entre nenhuma ação a brincadeira exploratória, com pouca ou nenhuma ação de faz de conta (DENDER; STAGNITTI, 2011). Desse conjunto de objetos os bonecos de pano branco foram os mais utilizados, três crianças encenavam brincadeiras em que os mesmos eram fantasmas que podiam voar e assustavam os outros bonecos.

Diferente do que foi visto em Pibara, a validação da ChIPPA para crianças brasileiras, tanto de área rural quanto urbana, próximas a cidade de São Paulo, foi constatado que não há necessidade de troca de materiais para a administração da avaliação com essas crianças, uma vez que elas reconheceram os objetos convencionais da avaliação e foram capazes de criar uma cena de brincadeira com os mesmos (PFEIFER et al., 2011a). Quanto aos materiais do conjunto de brincadeira imaginativo convencional os participantes conheciam todos os animais de fazenda presentes na avaliação, mesmo as crianças que não viviam em área rural; quanto aos materiais do conjunto de brincadeiras não estruturadas, esses foram inclusos nas brincadeiras de faz de conta, usados de forma funcional, eles se tornavam uma cama, uma casa, objetos da boneca de pano (PFEIFER et al., 2011a), diferente das crianças de Pibara, que pouco utilizaram esses materiais nas brincadeiras (DENDER; STAGNITTI, 2011).

Já na versão da ChIPP para crianças iranianas, de regiões de Teerã, a capital do Irã, (GOLCHIN et al., 2017) foi visto como alteração necessária no conjunto de materiais de brincadeiras imaginativo convencional a troca dos porcos em miniatura por cães, visto que porcos não são visto no Irã, por ser um tabu no Islã, religião iraniana.

#### **4 Discussão**

Este estudo teve como objetivo analisar as diferenças no brincar de crianças em diferentes culturas, de forma a compreender a relevância para a terapia ocupacional. Os resultados mostraram que todas as crianças, independente da cultura, envolvem-se em brincadeiras no seu dia a dia, brincadeiras essas compostas por diversão e intensas interações sociais. As principais diferenças encontradas no brincar dizem respeito a: a) sexo, este interfere nas escolhas dos tipos de brincadeiras entre as crianças; b) materiais e tipos de brincadeiras, ambos estão relacionados, pois os tipos de brincadeiras escolhidas são condicionados e relacionados com o acesso a diferentes dispositivos e

brinquedos; c) ambientes físicos para brincar, diferindo quanto à disponibilidade e a qualidade desses espaços e d) papel dos adultos quanto ao incentivo e monitoramento dos momentos de brincadeira.

As diferenças no brincar notadas nesta pesquisa quanto ao sexo, segundo Bicalho (2013) podem estar relacionadas à atribuição de papéis de gênero em uma sociedade, papéis estes que serão atribuídos a cada indivíduo de acordo com o que essa sociedade caracteriza como apropriado ao sexo feminino ou masculino dentro de suas normas, crenças e valores. Além da brincadeira, o sexo influencia em outras atividades entre meninos e meninas, como apontado por Pontes et al. (2016) em seu estudo sobre o repertório de ocupações de crianças brasileiras. Seus resultados mostraram que os meninos participaram de mais atividades esportivas enquanto as meninas participaram de mais atividades relacionadas a escola e produtividade. Atividades específicas como jogar videogames, futebol e subir em árvores houve mais relatos de participação de meninos, enquanto as meninas relataram cuidar de crianças mais novas e escrita criativa. Lynch (2009) também identificou em seu estudo que meninos participaram mais de atividades físicas, como futebol e ciclismo, em comparação com as meninas.

Oliveira e Menandro (2008) apontam que as brincadeiras serão moldadas de acordo com a diversidade de recursos disponíveis para desempenhá-la e que, a escolha de materiais e do tipo de brincadeiras representa um componente para compreensão da relação da criança com sua realidade sociocultural. Os resultados desta pesquisa são semelhantes aos encontrados por Santos Teixeira e Alves (2008), que mostraram que os materiais utilizados nas brincadeiras foram aqueles encontrados na natureza, dispostos aos arredores de suas casas, nas matas, rio e igarapés, materiais como folhas, flores, frutos, terra, água, gravetos, garrafas, tábuas, bancos e mesas. Martins e Szymanski (2006) em estudo com famílias em situação de pobreza apontam que as crianças dispunham de poucos brinquedos industrializados para uso, brincadeiras tradicionais que não usam de equipamentos de alto custo como amarelinha, pular corda, empinar pipas, pular elástico, carrinhos de rolimãs também foram observadas. Esses resultados acima citados são semelhantes aos encontrados nesse estudo nos artigos de Berinstein e Magalhães (2009); Pastore e Barros (2015); Njelesani et al. (2011) e Bartie et al. (2016).

Ambientes que não oferecem condições adequadas podem afetar negativamente o engajamento de crianças no brincar. Um estudo realizado por Jenkins et al. (2015),

identificou desigualdades na qualidade de parques entre duas cidades, apontando em seus resultados que as crianças moradoras da cidade de baixo status socioeconômico tem acesso a parques e a áreas de recreação com menor qualidade em relação às crianças moradoras da cidade com alto status socioeconômico, sendo que para estas há variedade oportunidades de engajamento em brincadeiras mais estimulantes e interessantes, o que é congruente com os achados desse estudo. A falta de segurança e a violência em locais mais pobres pode privar a criança de estar na companhia de seus pares fora do ambiente doméstico (POLETTTO, 2005; MARTINS; SZYMANSKI, 2006).

Quanto ao papel do adulto, resultados semelhantes a essa pesquisa foram encontrados no estudo de Poletto (2005). Em seu estudo com famílias que vivem em situação de pobreza os pais associam o brincar com algo bom, que gera prazer, no entanto acreditam que as crianças brincam porque são crianças e não têm outras coisas pra fazer. O brincar não é valorizado, são descartados os benefícios que ele traz consigo, vendo-o somente como um comportamento comum a toda criança, uma distração, uma forma de diversão. No entanto há o reconhecimento por parte dos adultos de que as crianças precisam brincar e, por parte das crianças, há a preferência por companhia ao desenvolver esta atividade, porém os adultos dispõem de pouco tempo para brincar com as crianças, ou acompanhá-las enquanto brincam, pois, geralmente encontram-se envolvidos com outras atividades, como trabalho, atividades domésticas. Desta forma as crianças em contexto de pobreza não costumam brincar com adultos, assim como nos artigos de Berinstein e Magalhães (2009); Pastore e Barros (2015); Njelesani et al. (2011) e Bartie et al. (2016) apontados nos resultados desse estudo, desenvolvendo essa atividade com seus pares, sejam irmãos, primos, vizinhos, colegas de escola.

Segundo Borges (2008), é por meio da interação entre adulto e criança que se dá no brincar que são transmitidas experiências, conhecimentos de senso comum, que muitas vezes não estão incluídos nos conteúdos das escolas, como valores, crenças e normas. As brincadeiras são não somente um meio facilitador para os pais educarem seus filhos, mas em si esta já é uma prática educadora, meio importante na constituição de laços afetivos, socialização e na composição da criança como um sujeito social (MARTINS; SZYMANSKI, 2006).

Outro resultado importante, encontrado neste estudo, se refere às avaliações do brincar, mais especificamente, sobre as traduções e adaptações das avaliações. Segundo Mcgruder (2002), no processo de avaliação devem-se considerar as diferenças culturais não somente na compreensão e empatia com o cliente, mas desde a escolha do instrumento adequado para avaliá-lo e na interpretação dos resultados. No entanto, os instrumentos padronizados que dispomos para avaliação atualmente levam em conta um padrão de normalidade que não atende a realidade da diversidade cultural da população mundial, a nossa formação como terapeutas ocupacionais não olha para as diferenças e peculiaridades das sociedades, de forma que nossas práticas não atendem suas necessidades (THIBEAULT, 2006).

Para que uma avaliação possa ser utilizada em uma cultura diferente da sua de origem não basta somente traduzi-la para o idioma desta, é necessário que a avaliação passe por um processo de validação. Segundo Coster e Mancini (2015) o primeiro passo antecedente à tradução de uma avaliação é identificar se o instrumento é realmente necessário nesse contexto e por que, o segundo passo é identificar se o instrumento em questão é o que melhor atende seus objetivos e, por fim, verificar as evidências psicométricas e os critérios padrão de coeficientes de confiabilidade e evidências de validade. Os resultados encontrados mostraram que a adaptação pode ser necessária e primordial, para o uso da avaliação escolhida (DENDER; STAGNITTI, 2011) ou apenas pequenas modificações são requeridas (PFEIFER et al., 2011a), mostrando a importância de investigações rigorosas durante o processo de tradução, adaptação transcultural e validação de uma avaliação.

### **Limitações do estudo**

Os resultados dessa pesquisa sugerem que a produção literária dos últimos dez anos com foco nos diversos padrões de participação no brincar, a partir da perspectiva da terapia ocupacional, ainda é escassa, principalmente a literatura brasileira. Devido a esse fator o tamanho da amostra para comparação do brincar livre em diferentes culturas foi pequena, totalizando 521 crianças aproximadamente; também não houve uma variedade quanto a culturas para comparação. A partir da análise dos resultados dessa pesquisa não foi possível identificar o tempo disponível de engajamento no brincar nas diferentes culturas.

## **5 Conclusão**

Com o retorno do foco em desempenho e participação ocupacional nos últimos anos, os profissionais da terapia ocupacional passaram a olhar o brincar não somente como um meio de se alcançar objetivos no tratamento com crianças, mas como objetivo final deste. Nessa lógica, passa ser papel do terapeuta ocupacional permitir às crianças, em diversos contextos, oportunidades de engajamento em brincadeiras, visto que o brincar é uma das principais ocupações da criança.

Para além do brincar, as crianças envolvem-se no seu cotidiano em outras atividades, sendo importante para a terapia ocupacional, compreender as diferentes formas de ser criança, pois isto irá permitir sair dos limites de conforto mais invisíveis da nossa cultura e classe para tentarmos, de alguma forma, compreender mais precisamente a visão do mundo e a situação de vida dos nossos clientes (MCGRUDER, 2002); crianças que muitas vezes não se enquadram na lógica de normatização à qual estamos habituados, que apresentam diferentes formas de fazer e necessidades.

Destaca-se a necessidade de estudos mais aprofundados a cerca da influência que a cultura exerce sobre o brincar de crianças em diferentes culturas, servindo como embasamento no planejamento de estratégias de intervenção com essas populações. Tendo a terapia ocupacional como premissa que a participação em ocupações influencia na saúde e bem-estar dos indivíduos, logo se torna indispensável à busca por meios de promoção do engajamento no brincar equivalentes a cultura dessas crianças.

## Referências

AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo 3ª ed. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo. Jan.-abr. 2015; 26 ed. 1-49 p.

ARKSEY, H; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal Of Social Research Methodology*, Oxford, v. 8, n.1, p.19-32, 2005.

BALMÈS, Thomas; CHABAT, Alain (2010). *Babies*. França, Focus Features. Documentário (80 min).

BARTIE, Michelle et al. The Play Experiences of Preschool Children from a Low-socio-economic Rural Community in Worcester, South Africa. *Occupational therapy international*, Londres, v. 23, n. 2, p. 91-102, 2016.

BERINSTEIN, Stephany; MAGALHAES, Lilian. A study of the essence of play experience to children living in Zanzibar, Tanzania. *Occupational therapy international*, Londres, v. 16, n. 2, p. 89-106, 2009.

BICALHO, C. W. C. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. *Revista Médica de Minas Gerais*, Minas Gerais, v. 23, n. 2, p. 41-49, 2013.

BORGES, Ana Lucia Araújo. A criança, o brincar e a interação entre pais e filhos. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008.

CANDIA, Oskarina Palma et al. Estudio descriptivo de forma y funcion del juego libre del niño (a) en etapa preescolar. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Chile, v. 12, n. 2, 2012.

COSTER, Wendy Jane; MANCINI, Marisa Cotta. Recomendações para a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para a pesquisa e a prática em Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 50-57, 2015.

DE CAMPOS, Sara Domiciano Franco et al. O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção.

*Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 25, n. 2, 2017.

DENDER, Alma; STAGNITTI, Karen. Development of the Indigenous Child-Initiated Pretend Play Assessment: Selection of play materials and administration. *Australian occupational therapy journal*, Malden, v. 58, n. 1, p. 34-42, 2011.

ENGEL-YEGER, Batya; JARUS, Tal. Cultural and gender effects on Israeli children's preferences for activities. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, Ottawa, v. 75, n. 3, p. 139-148, 2008.

ESTES, Joanne; PIERCE, Doris E. Pediatric therapists' perspectives on occupation-based practice. *Scandinavian journal of occupational therapy*, Nacka, v. 19, n. 1, p. 17-25, 2012.

FERLAND, Francine. *O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional*. 3 ed. São Paulo: Roca, 2006.

FONSÊCA, Maria Eduarda Diniz; DA SILVA, Angela Cristina Dornelas. Concepções e uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, 2015.

GOLCHIN, Mino Dabiri et al. Psychometric Properties of Persian Version of " Child-Initiated Pretend Play Assessment" For Iranian Children. *Iranian Journal of Pediatrics*, Teerã, v. 27, n. 1, p. 1, 2017.

HANSEN, Janete et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Journal of Human Growth and Development*, São Paulo v. 17, n. 2, p. 133-143, 2007.

JENKINS, Gavin R. et al. Disparities in quality of park play spaces between two cities with diverse income and race/ethnicity composition: a pilot study. *International journal of environmental research and public health*, Basileia, v. 12, n. 7, p. 8009-8022, 2015.

LYNCH, Helen. Patterns of activity of Irish children aged five to eight years: City living in Ireland today. *Journal of Occupational Science*, North Terrace, v. 16, n. 1, p. 44-49, 2009.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. *Interações*, Campo Grande, v. 11, n. 21, 2006.

MARQUES, Reginalice de Lima; BICHARA, Ilka Dias. Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. *Estud. psicol.*, Campinas, p. 381-388, 2011.

MCGRUDER, Juli. Cultura e outras formas de diversidade humana em Terapia Ocupacional, In: NEISTADT, Maureen E.; CREPEAU, Elizabeth Blesedell (Coord.). *Willard & Spackman: terapia ocupacional*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

MIETO, Fernanda Stella Risseto; BRUNELLO, Maria Inês Britto; DA SILVA, Carolina Donato. Procedimentos de avaliação da qualidade do brincar na prática da terapia ocupacional: um estudo exploratório. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 95-102, 2014.

MOTTA, Margareth Pires; TAKATORI, Marisa. A assistência em terapia ocupacional sob a perspectiva do desenvolvimento da criança. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, Celina Camargo. *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, p. 117-135, 2001.

NJELESANI, Janet et al. The influence of context: A naturalistic study of Ugandan children's doings in outdoor spaces. *Occupational therapy international*, Londres, v. 18, n. 3, p. 124-132, 2011.

NUNES, Flavia Bignardi da Silva et al. Retratos do cotidiano de meninos de cinco e seis anos: a atividade de brincar. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, 2013.

OLIVEIRA, Kleber de; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Cultura lúdica e utilização de objetos e materiais em brincadeiras de crianças Guarani de uma aldeia de Aracruz-ES. *Journal of Human Growth and Development*, São Paulo v. 18, n. 2, p. 179-188, 2008.

PASTORE, Marina Di Napoli; BARROS, Denise Dias. A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana 1/Children's play culture and socialization: insights on being a child in a mozambican

community. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 599, 2015.

PFEIFER, Luzia I. et al. Cross-cultural adaptation and reliability of child-initiated pretend play assessment (ChIPPA). *Canadian Journal of Occupational Therapy*, Ottawa, v. 78, n. 3, p. 187-195, 2011a.

PFEIFER, Luzia Iara et al. Play preference of children with ADHD and typically developing children in Brazil: A pilot study. *Australian occupational therapy journal*, Malden, v. 58, n. 6, p. 419-428, 2011b.

POLETTI, Raquel Conte. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67-75, 2005.

PONTES, Tatiana Barcelos et al. Measuring children activity repertoire: is the paediatric activity card sort a good tool for Brazilian therapists? *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 3, p. 435, 2016.

RABONI, Tábita Enila Campos Rocha; DA SILVA, Milena Fazzio Marino; PFEIFER, Luzia Iara. Intervenção Terapêutica Ocupacional junto à criança com Distrofia Muscular de Duchenne (DMD): um estudo de caso. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 1, 2012.

REIS, Nivânia Maria de Melo; REZENDE, Márcia Bastos. Adaptações para o brincar In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia ocupacional: fundamentação e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SANTOS TEIXEIRA, Sônia Regina dos; ALVES, José Moysés. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu. *Psicologia: Reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008.

SEKKEL, Marie Claire. O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott. *Psicologia USP*, São Paulo v. 27, n. 1, p. 86-95, 2016.

THIBEAULT, Rachel. Globalisation, universities and the future of occupational therapy: Dispatches for the majority world. *Australian Occupational Therapy Journal*, Malden, v. 53, n. 3, p. 159-165, 2006.

ZEN, Camila Cristiane; OMARI, Claudia. O Modelo Lúdico: uma nova visão do brincar para a terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Jan-Jun 2009, v. 17, n.1, p. 43-51.